

ECOS DO IV CONGRESSO DE HISTÓRIA NACIONAL (1)

UM ESCLARECIMENTO IMPORTANTE

No prosseguimento duma polémica relativa à acção que teria desempenhado Américo Vespúcio na expedição portuguesa de 1501-1502, publicou o Professor Marcondes de Sousa no n.º 3 da *Revista de História* uma réplica (2) a anteriores considerações minhas (3), réplica da qual só agora tomei conhecimento.

Com efeito, ao escrever aquelas anteriores considerações a que me refiro, eu tinha em mente dar por terminada, quanto a mim, a polémica com Marcondes de Sousa, convencido, como sempre tenho estado, de que as polémicas só raras vezes fazem progredir a ciência, e delas, em regra, só resultam dissídios e malquerenças entre os contendores. No caso sujeito, há duas obstinações irresolúveis; e há já também um fcsso entre dois homens. Para Marcondes de Sousa eu era em fins de 1947, segundo suas próprias palavras, agente duma "salutar reacção contra aquilo que os americanos chamam *nationalistic school*"; dois anos depois — e só porque defendi, como sempre, o saber náutico português dos alvares de Quinhentos, e porque convictamente contesto a Vespúcio a possibilidade de ser, em navios de Portugal, consultor técnico — passei a ser "um dos pontífices da *nationalistic school*".

Não se estranhará assim que, ocupado em assuntos mais importantes que o de *malhar em ferro frio* na contenda com Marcondes de Sousa, deixasse de ler esse novo escrito seu; e até mesmo porque projectava e projecto ocupar-me do assunto nuclear —

(1). — Tendo a "Revista de História" estampado no seu terceiro número uma nota intitulada "Ecos do IV Congresso de História Nacional", recebeu agora uma resposta do Prof. Damião Peres que, por um dever de lealdade também publicamos, dando ciência ao Prof. T. O. Marcondes de Sousa, autor da primeira nota. Este último solicitou-nos, igualmente, que dessemos publicidade a uma outra nota, rebatendo a resposta do Prof. Damião Peres. Como a nossa Revista está aberta a todos que nela queiram colaborar condignamente, também a estampamos. Deixamos claro, entretanto, como está indicado na capa interna da Revista que não nos responsabilizamos nem pela redacção, nem pelos comentários emitidos pelos nossos colaboradores. (Nota da Redacção).

(2). — "Ecos do IV Congresso de História Nacional: A expedição de 1501-1502 e Américo Vespúcio; réplica ao Prof. Damião Peres".

(3). — "Américo Vespúcio e a expedição de 1501-1502; resposta a Marcondes de Sousa", Porto, 1948.

Américo Vespúcio — com a tranquilidade adequada, isto é, em estudo sem ambiente polemista. Um bondoso, embora recente, aviso de um excelente amigo fez-me, porém, mudar de rumo, ao prevenir-me de que nesse opúsculo eu era insultado, e acusado dum grave delito, literariamente infamante, o de plagiato.

Confesso que então fiquei perplexo, não me pesando na consciência ter alguma vez praticado um tão deselegante acto em qualquer das tantas páginas que tenho escrito. Corri a ler a prosa de Marcondes de Sousa, e nela encontrei, a par das costumadas repetições de culpas já ditas, e de um novo testemunho do seu desconhecimento de cousas portuguezas contra as quais lança despropositados ataques (4), as ironias gravosas, um termo altamente soez e uma injuriosa acusação. Aquelas não me impressionam; do termo, *chulo* (sinónimo de *grosseiro*, usado pela *ralé*, etc.), não curo; mas quanto à acusação, levanto a luva.

A essa acusação o próprio Marcondes de Sousa chamou *veneno* (“*In cauda venenum*”, epigrafou ele), e bem acertadamente, pois duma venenosa diatribe se trata, como vai ver-se. Consiste ela em atribuir-me um plágio, não de idéas suas (difícil seria que Marcondes de Sousa tivesse alguma que eu julgasse digna de copiar), mas de uma misera *tradução* de vulgaríssimo inglês.

Devo desde já dizer que as praxes literárias não obrigam a citar os *meros tradutores*, mas sim os *autores do texto original*, a não ser tratando-se de traduções literárias, onde haja uma parte artística peculiar à tradução. Mas o esombroso neste caso é que nem mesmo o *tradutor* — ao contrário do que ele diz — foi por mim deixado no olvido, como vou mostrar.

Em antelóquio duma comparação de textos, destinada a provar a similitude existente entre a tradução portuguesa de certos trechos de *MORISON*, por mim publicada, e a que ele anteriormente publicara, escreve Marcondes de Sousa isto: “Trasladou (Peres) para as páginas do seu referido livro (“O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral”), *sem declinar o nosso nome*, duas passagens do aludido trabalho de Morison, que se encontram traduzidas para o português no nosso volume “O Descobrimento do Brasil”.

Isto está lá, bem claro. Escreveu-o e releu-o Marcondes de Sousa; e contudo é de pasmar que o fizesse sem lhe tremer a mão,

(4). — Refiro-me em especial a estas palavras: “Seja aqui dito de passagem que os historiadores e cartógrafos portuguezes, pelo que apuramos, não se deram ao trabalho de ir a Módena e estudar *in loco* o mapa de Cantino, nem tão pouco cogitaram de obter directamente, como ora fazemos, cópias fotográficas”. Se Marcondes de Sousa não estivesse obsecado, veria que a gravura por mim publicada se fizera sobre uma fotografia do original de Módena, pois era igual à que ele *agora* publica; e se estivesse um pouco melhor documentado a respeito das cousas portuguezas que ataca, saberia que o falecido Comandante FONTAURA DA COSTA esteve em Módena, e em outras cidades, onde fez fotografar várias cartas portuguezas, incluindo a de Cantino. Tudo isto se apreende lendo o que está publicado a tal respeito, e que Marcondes de Sousa facilmente encontrará.

pois no roda-pé da página 140 do livro meu a que se refere, lá está bem claramente impresso isto:

“(1) SAMUEL MORISON, *Portuguese voyages to America in Fifteenth Century*, págs. 95-107. Uma versão portuguesa destas páginas pode ler-se em MARCONDES DE SOUSA, *ob. cit.*, págs. 189 a 203”.

Observarei que, ali, a *ob. cit.* é *O Descobrimento do Brasil* de Marcondes de Sousa, que eu já citara nas páginas 137, 136, 73 e 69, voltando a citá-la na página 143; nesta, precisamente em correspondência com algumas daquelas onde se acha a tal tradução.

Resumindo:

1.º) Citei constantemente o *estudo original*, o de MORISON, que perfeitamente conheço (contra o que parece dizer Marcondes de Sousa) e tenho manuseado muitas vezes, bastando-me para o compreender o meu conhecimento da língua inglesa, embora modesto; como me tem bastado para ler a obra do ilustre GREENLEE e de muitos outros autores;

2.º) Aponte, uma vez por todas, o principal *trabalho de tradução do professor* Marcondes de Sousa;

3.º) Não fiz *qualquer espécie de silêncio* sobre a obra onde essa tradução está publicada, citando-a até bastantes vezes.

Pergunto agora onde está o alegado delicto de plágio, a não ser na exaltada imaginação de Marcondes de Sousa; e pergunto ainda se essa imaginação não mereceria outro adjectivo mais vivo.

Para concluir, observarei, ainda, que, mesmo a ser cabida — e não o é — a ironia, por ele empregada, de ter eu feito *barretada com chapéu alheio*, o *chapéu* seria de MORISON, cabendo a Marcondes de Sousa apenas a função de escova.

Coimbra, Março de 1951.

DAMIÃO PERES

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

*
*
*

RESPOSTA DO PROF. THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA.

Quer nos parecer que o que em realidade interessa aos leitores desta Revista, é provarmos que o professor Damião Peres, como afirmamos, trasladou para as páginas do seu livro "*O Descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral*", dois tópicos daquele do professor Samuel Elict Morison (1) que se encontram traduzidos para o português no nosso trabalho "*O Descobrimento do Brasil*", sem declinar o nosso nome, o que não deixa de ser deselegante.

Sem mais preâmbulo, vamos provar a procedência da acusação que fizemos ao aludido professor da Universidade de Coimbra, quando mais não seja, para que Sua Excelência saiba que deste lado do Atlântico existe muita gente que vê alguma coisa além da ponta de seu nariz.

O livro de Morison foi publicado em Cambridge em 1940, pela Harvard University Press; o nosso em São Paulo no ano de 1946, pela Companhia Editora Nacional; e o de Damião Peres em 1949, pela Companhia Editora do Minho. Com êstes esclarecimentos, passamos agora a fazer um confrônto entre os tópicos originais do trabalho de Morison e as traduções que dêles figuram no nosso livro e naquele de Damião Peres, para que os interessados possam cientificar-se da procedência da acusação que fizemos ao emérito historiador português.

MORISON

"A brisk westerly wind, smooth sea, and a nip in the air suggesting winter, may occur anywhere between America and Europe, and between 45.° and 60.° north latitude, and are frequently experienced by mariners today".

Obra citada, página 24.

MARCONDES DE SOUZA

"Forte vento d'oeste, mar tranqüilo e uma alteração no ar a prenunciar inverno, podem ocorrer em qualquer ponto entre a América e a Europa e entre 45 e 60 graus de latitude norte, e são frequentemente observados hoje em dia pelos navegadores dessa extensa zona".

Obra citada, página 22.

DAMIAO PERES

"Vento forte de oeste, mar tranqüilo e uma alteração no ar a prenunciar inverno, podem ocorrer em qualquer ponto entre a América e a Europa, entre 45 e 60 graus de latitude norte, e são frequentemente observados pelos navegantes dessa extensa zona.

Obra citada, página 40.

(1). — "*Portuguese Voyages to America in the Fifteenth Century*", Cambridge, 1940.

Como se vê, Damião Peres na sua pseudá tradução da transcrita passagem do livro de Morison, usou das mesmas palavras que usamos ao traduzi-la para o português. A palavra “rip” empregada por Morison nesse tópico, significa beliscadura, unhada, mordida, etc. Afastamos um tanto da tradução ao pé da letra e traduzimos “rip” por “alteração”. Pois do mesmo modo procedeu o professor Damião Peres. Não acham que isso é muita coincidência?

O melhor, porém, é o seguinte: Morison no trecho aqui transcrito, em absoluto não usa da expressão — “*dessa extensa zona*” —, que foi por nós acrescentada para dar maior clareza à frase. Pois o iluminado professor Damião Peres *por mera coincidência*, na sua pseudá tradução do citado tópico de Morison, também acrescentou — “*dessa extensa zona*” —. Não acham tudo isso estranho? A passagem de Morison que estamos apreciando, acha-se na página 24 do seu mencionado livro, ao passo que Damião Peres diz que se encontra entre as páginas 23 e 27, sinal evidente de que faz citação por palpite, de que não teve à sua disposição o livro do historiador português.

MORISON

“Vasco da Gama, after taking his departure from the Cape Verde Islands on August 2, 1497, had made the natural mistake of steering southeasterly directly for the Cape of Good Hope. Apparently he intended to sail a straight rhumb across the Gulf of Guinea.

Thus he fell into the belt of SW monsoon varied by tornadoes, lost a main yard, and took the equatorial current on the nose. Thereafter, it is generally supposed, he utilized the SE trades in the manner that he recommended to Cabral”, etc..

Obra citada, páginas 96 e 97.

MARCONDES DE SOLIZA

“Vasco da Gama, partindo das ilhas de Cabo Verde a 2 de agosto de 1497, cometera o erro natural de navegar a sudeste, diretamente para o cabo da Boa Esperança. Parece que elle pretendia atravessar o gôlfo da Guiné em rumo direto. Dêsse modo caiu na faixa da monção SO cheia de tornados, perdeu a verga grande e teve a corrente equatorial pela proa. Dai por diante, é o que geralmente se supõe, aproveitou os alisios SE da maneira que recomenda a Cabral”, etc..

Obra citada, página 192.

DAMIÃO PERES

“Vasco da Gama, partindo das ilhas de Cabo Verde, cometera o erro natural de navegar a sueste, diretamente para o Cabo da Boa Esperança. Parece que elle pretendia atravessar o gôlfo da Guiné em rumo direto. Dêste modo, caiu na faixa de monção de sudoeste, cheia de tornados, perdeu a verga grande, e teve a corrente equatorial pela proa. Dai por diante... aproveitou os alisios de sueste”...

Obra citada, páginas 85 e 86.

Confrontando-se esse tópico de Morison com as traduções que figuram no nosso livro e naquêlê de Damião Peres, nota-se com a máxima facilidade que êste historiador português aproveitou “in totum” a nossa tradução, apenas eliminando a data de “2 de agosto de 1497”.

Acresce ainda esta circunstância. O ilustre professor da Universidade de Coimbra não sabendo ao certo em que página do livro de Morison se encontra o tópico ora em apreço, cuja versão foi feita por nós e por ele aproveitada, limita-se tão somente a indicar que essa opinião sobre o início da viagem de Vasco da Gama para a Índia é encontrada no citado livro do historiador norte-americano, *sem indicar a página*, prova evidente de que não dispunha do trabalho de Morison ao escrever o seu.

Damião Peres e seus discípulos, poderão sofismar dizendo que o que houve em realidade foi apenas uma mera coincidência de traduções. Não negamos que as traduções, algumas vezes, aqui e ali, podem coincidir. Mas quando essa coincidência é sem discrepância, é de palavra por palavra, como se observa nas traduções de Peres, só os ingênuos poderão nela acreditar.

Ao transcrever Damião Peres, no seu livro citado, os dois referidos tópicos do trabalho de Morison, por nós traduzidos para o português, estava na obrigação, por elemental noção de ética profissional, de escrever a seguinte nota nos roda-pés das páginas do seu livro onde essas passagens estão publicadas: Morison, "*Portuguese Voyages to America in Fifteenth Century*", página tal. Tradução de Marcondes de Souza, "*O Descobrimento do Brasil*", página tal. Ora, como dêsse modo não procedeu Peres, inegavelmente incorreu em grave falta passível de acre censura.

Num dos tópicos do seu "*Esclarecimento Importante*", diz textualmente o professor Peres: "Devo desde já dizer que as praxes literárias não obrigam a citar os meros tradutores, mas sim os autores do texto original, a não ser tratando-se de traduções literárias, onde haja uma parte artística peculiar à tradução". Mas Santo Deus, onde estamos? No Brasil ou em Portugal? No Brasil. Pois aqui, o que Peres diz, não passa de franca apologia de deslealdade, da fraude.

Em verdade, tudo se resume no seguinte: Damião Peres está atacado de megalomania e entende que em se tratando da história dos descobrimentos marítimos ele é o "tal" — como cá se diz, na gíria dos estudantes —, o "magister dixit", não admitindo que aqui no Brasil, que para a sua pessoa ainda é colônia pelo jeito, possa haver alguém com capacidade de contestar as suas desnor-teadas opiniões históricas inspiradas, talvez, por mórbida vaidade nacional.

Abril de 1951.

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA

Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.